

Pandemia da ignorância

Por Monique Caroline

“Não se faz jornalismo como antigamente”, eu costumo escutar muito essa frase e sempre me questionar as dimensões de seu significado. Sem a internet, as gerações anteriores encontraram mais dificuldades para fazer uma apuração por meio de manuscritos, e segredos de justiça eram mais facilmente guardados. Hoje, temos ferramentas que nos permitem fazer um jornalismo de dados mais avançado, porém, os obstáculos no caminho são muito maiores, justamente por que “qualquer um pode ser jornalista”.

Ao mesmo tempo que essa frase estimula um avanço para a liberdade de expressão pois temos plataformas para demonstrar nossos pensamentos e posicionamentos, ela também me causa repulsa, pois enxergo um sucateamento da nossa profissão. Desde o começo da minha escolha, essa foi uma das minhas principais frustrações na área, mas o amor pela área me fez superar.

Além da não obrigatoriedade do diploma, as inúmeras plataformas existentes contribuem para que nos deparamos com tantos erros de diversas dimensões como as *fake news* (também um pouco por falta de caráter, né). Eu acredito que é extremamente necessário estudar para fazer um retrato da atualidade, seja por escrito, por vídeo ou por áudio. Estudar o português, técnicas de construção de uma notícia ou de qualquer gênero textual, elementos da pauta e diversos critérios aprendidos na faculdade. Além de estudar a própria sociedade para não dizer besteiras por aí.

Hoje, é mais complexo denominar o que é ou não jornalismo. Para os mais velhos (meus avós, por exemplo), jornalismo se restringe a ficar sentado em uma bancada como a do Jornal Nacional, ou ser repórter de rua. Há tempos a profissão foi além disso, na verdade, ela nunca foi só isso.

Para mim, vai se dar melhor no jornalismo quem entender que hoje, ele também é independente (coletivos de comunicação dentro das periferias, portais, assessorias, etc). Quando ingressei na faculdade, encontrei muitas pessoas que ainda pareciam alimentar o sonho de trabalhar em grandes redações e ser a famosa jornalista que usa um sobretudo longo e chega na cena do crime com uma caderneta para ouvir todas as testemunhas a respeito do que aconteceu e desvendar sozinha um “mistério”. Essa realidade antiga, que talvez não passasse de um sonho, ainda nutre as expectativas de muitos jovens que querem seguir a profissão, como se o jornalista ainda fosse alguém respeitado.

Mas além disso, eu também penso na prática dentro dos termos que já conhecemos, é aí que encontro o eixo das minhas maiores preocupações. Sempre quis seguir no telejornalismo, e quando reflito sobre os caminhos que a prática vem traçando dentro do veículo, repenso como a profissão era antigamente e como ela

está ressignificada. Um âncora de jornal ou qualquer jornalista por trás das câmeras, representa a emissora que trabalha e sempre foi assim, mas carregar esse rótulo nunca foi tão negativo e perigoso como em tempos atuais.

Hoje em dia, o certo e o errado são determinados através de verdades individuais, e não por meio de fatos e dados. Além da crise do coronavírus, estamos vivendo uma pandemia da ignorância. Uma doença que não respeita fronteiras se alastrou pelo mundo e na lista de principais culpados, entraram também os profissionais da imprensa.

É uma competição para ver quem se espalha mais rápido pelo Brasil: a Covid-19 ou as *fake news*. Ser porta-voz da informação correta virou sinônimo de ser aproveitador ou de “só falar tragédia”. Foi se o tempo que o jornalista era respeitado. Em tempos de polarização política, a simples presença de um profissional em locais públicos é motivo para represálias e agressões.

São muitos os dilemas que percorrem o certo e errado em termos de conduta individual a serem adotadas pelos jornalistas em momentos políticos tão instáveis como o que vivemos. Um jornalista tem que pensar nos lugares que irá frequentar, nas pessoas que levará para seu ciclo de convivência particular, nas conversas que nutre com os desconhecidos e sobre as informações que a audiência têm de sua vida. Essas questões merecem atenção em tempos tão polarizados. E a escolha de saber desses malefícios e continuar a prática, também merece.

Ainda sim, acredito que o jornalismo embute muitos compromissos com a sociedade. Quando fiz a mim mesma a pergunta se tais esforços valeriam a pena, assinei mentalmente o termo de “li e concordo”. Essa é a dica que eu darei para os futuros jornalistas que pensam em ingressar na profissão. Pontuar mentalmente as dificuldades da área e balancear as expectativas que nutrem na vida profissional, se valer a pena e se o amor pela profissão falar mais alto, é uma dificuldade prazerosa de se enfrentar.